

A "*boca de fumo*", continuidades e descontinuidades: "*manda quem pode e obedece quem tem juízo*".¹"

Gabriel Borges da Silva (INCT-InEAC UFF)

RESUMO: A proposta de pesquisa tem como objetivo trabalhar dados construídos a partir de minha pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD-UFF). A questão principal proposta na tese se visa refletir a relação com morte em áreas da cidade do Rio de Janeiro, ditas como *favelas*. Portanto, segui minha pesquisa a partir de trabalho de campo com o fito de observar, entender e descrever processos de interação dos interlocutores com as mortes nesses contextos. Desse movimento, algumas questões ganharam espaço em minhas observações. Aqui pretendo explorar a ideia da *boca de fumo*, refletindo sobre mercados e formas de se matar que acompanhei a partir do trabalho de campo. Nesse sentido, o *facão* e o *porte de armas de fogo*, serão os diacríticos para pensar na construção de controles e reprimendas que a meu ver parecem garantir a continuidade, estabilidade e a territorialização das chamadas *bocas de fumo*, nos lugares chamados de *favela* na cidade Rio de Janeiro que compõem meu universo empírico.

Palavras-chave: Armas de fogo, Morte, *Boca de fumo*, *facão*

¹ VI Enadir - GT03. Conflitos, segurança pública e justiça;

1. Introdução

O presente *paper*, tem como objetivo promover uma reflexão a respeito da continuidade da chamada *boca de fumo*, ponto de comércio de drogas ilícitas, em lugares denominados como *favela* na cidade do Rio de Janeiro. É importante observar que a proposta aqui presente é fruto de dados construídos no desenrolar da minha pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD-UFF). Para a minha tese, abordei como questão principal, a relação com uma produção sistemática de mortes, nessas áreas da cidade, que recebem a classificação de *favelas*.

De fato, como meus dados apontam, há diversas formas de se fazer morrer nesses contextos, não somente relacionado aos conflitos existentes no campo da segurança pública. Não obstante, de acordo com o recorte aqui proposto, vou desenvolver uma análise, a partir da descrição de mortes, que pude observar, nos contextos da *boca de fumo*. Diante das limitações dessa comunicação, optei por escolher três situações sociais (GLUCKMAN, 1987, p. 237-364), que presenciei e tive conhecimento, de modo a refletir sobre formas de se fazer morrer nesses contextos, bem como suas tecnologias de produção.

A morte, aparece relacionada a proximidade e moralidades disponíveis no exercício da atividade de venda de drogas ilícitas, promovido nas *bocas de fumo*. Abordarei primeiramente, uma incursão policial que “estourou” uma *boca de fumo* e resultou resultando na morte de usuários de droga, traficantes e pessoas que passavam no local.

A segunda relacionada a uma ideia que ouvi de um interlocutor ao afirmar que “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. Conectada a um regime moral que repercute no enquadramento de práticas e suas consequências, no desenrolar dessa atividade. De modo a refletir, como a proximidade com a *boca* ou atitude de “não obedecer” quem pode mandar, podem ser justificáveis para sua morte.

O terceiro acontecimento seguiu o movimento de produção da morte, alinhados a esse contexto, as mortes sem corpo. Verificadas no símbolo do “facão”, expressão utilizada nesses contextos para explicitar tecnologias de produção de mortes, em que se torna dificultada sua responsabilização. Afinal, como me disse um interlocutor policial, que atua na repressão de mercados de drogas ilícitas na cidade do Rio de Janeiro, “se não tem corpo não tem materialidade do homicídio”.

Desses movimentos, algumas questões ganharam espaço em minhas observações. Nesse diapasão, vou explorar a ideia da *boca de fumo* de forma abreviada, dada as

possibilidades que o meu campo permitia de exercer tal abordagem. O recorte aqui proposto, tem como fito refletir sobre esse mercado, que como puder observar é exercido a partir de controles sobre os corpos e, que são frutos de relações de poder, explicitadas pela possibilidade e formas de se matar (MEDEIROS, 2016) (MBEMBE, 2016).

Com isso, o *facção* e o *porte de armas de fogo*, serão os diacríticos para pensar na construção de controles e reprimendas que a meu ver parecem garantir a continuidade e estabilidade das chamadas *bocas de fumo*, nos lugares chamados de *favela* na cidade Rio de Janeiro.

2. Metodologia

A pesquisa de campo, que teve início em 2015 e se encerrou em 2018, foi realizada pesquisa em 4 (quatro) locais de moradia no Rio de Janeiro, consideradas *favelas*. O objetivo era refletir a questão da morte, suas expressões e tipos em um contexto onde mortes são produzidas por relações locais, relacionadas ao “movimento” do tráfico de drogas ilícitas, bem como por ações policiais nestas áreas que reverberam um combate bélico.

Escolhi realizar *observação participante* (FOOTE-WHYTE, 2005), circulando em diferentes *bocas de fumo* na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, os dados que endossam esse artigo foram produzidos por meio dessa metodologia, uma vez que a pesquisa se deu enquanto morador de uma das quatro *favelas* pesquisadas. Segui nesses contextos, com indicações e instruções que se configuram em saberes disponíveis para essa circularidade.

Pretendo como referi enfocar em três situações sociais (GLUCKMAN, 1987, p. 237-364) que observei. Assim, a presente pesquisa terá como objeto central as relações desenvolvidas através de moralidades e “visões” próprias de cada um dos diferentes campos estudados, em momentos diversos. Que dialogam com questões de segurança pública, conectadas a violência urbana, acaba por poder desembocar na produção de mortes dos atores envolvidos. Nesse sentido, a experiência de pesquisa em um lugar chamado *favela*, serviu para relacionar tal perspectiva com as categorias nativas, a serem analisadas no presente artigo.

3. “Tá tranquilo para ir na boca de fumo”?

Eu morei em uma *favela*, situada distante do Centro da cidade do Rio de Janeiro e a pesquisa se deu em outras 3 (três) localidades com proximidades à mesma. De modo a guardar o sigilo e a identidade dos locais e pessoas, chamarei o local apresentado na descrição para este tópico de *boca do mato* e o local onde morei de Vale.

Eu estava com os “moleques” que ficavam na esquina do Timor Leste, no Vale. Aquela esquina, considerada parte do “miolo da *favela*”, era um ponto de encontro de adolescentes, jovens e adultos, que partilhavam os usos de *maconha*. Os *crias* do Vale, classificação dada a quem nasceu e cresceu naquele lugar, sempre estavam informados a respeito das *bocas de fumo*, em que se tinha a maconha da melhor qualidade. Inclusive, me orientaram que a melhor forma de entrar em *favelas* que eu não conhecia ninguém, para promover a pesquisa era ir nas *bocas de fumo* como usuário. Ainda mais no meu caso, em que eu seria visto como *playboy*.

Quando o Menorzinho, jovem de 16 anos, que costumava conversar comigo a respeito da minha pesquisa, me deu tal informação, indaguei a respeito dessa necessidade. Ele me respondeu que nem sempre era “tranquilo” entrar em um *favela*, pois eu poderia ser objeto da “cisma” (MOTA, 2018) de algum *bandido*. Caso isso acontecesse, se identificar como usuário, iria modificar a desconfiança de estar naquele lugar. Porém, o que o Menorzinho não me informou, era que a preocupação com a “tranquilidade” em relação ao comércio na *boca de fumo*, também deveria se atentar para a possibilidade de ocorrer uma *incursão policial*, na tentativa de *estourar a boca*.

Nesse dia, eu logo fiquei sabendo dessa preocupação. Pois os *crias* estavam esperando a chegada de dois jovens que “foram de *missão* na *boca do mato*”, uma vez que era sabido que a maconha “lá estava o aço”. Por esse motivo conversávamos a respeito da questão de como chegar em uma *boca de fumo* em outra *favela*. No entanto, os jovens estavam demorando mais que o habitual e os *crias* do Timor Leste, não conseguiam fazer contato com os mesmos, nem acionar nenhuma instância de comunicação, pelo fato da *boca do mato*, não fazer parte do Vale.

Cheguei por volta de 14h da tarde e as 18h, um dos jovens chegou aquele local. Ele estava desesperado. O Menorzinho e seus amigos, perguntavam pelo outro jovem. Ele não conseguia articular as palavras de forma coerente. Só dizia, que “o bagulho tava doido lá, parecia tranquilão, mas os *canas* estourarão na *boca*”. Quando ele se acalmou, após quase meia hora de uma conversa desencontrada, contou que quando eles estavam chegando na *boca do mato*, que segundo ele era uma *boca* que costumava ser frequentada pelos *crias*,

portanto, era localizada mais no interior daquela *favela*, perceberam um movimento de correria. Daqui a pouco, os *bandidos*, começaram a gritar, “caralho é os *canas* mano!”. Quando ele percebeu,

“o tiro comeu solto menor, a bala *vuou* pra tudo que é lado, eles vieram de uma casa que fica atrás da *boca*, deviam estar lá de troia, pois o bagulho parecia tranquilão mano... já saíram atirando, muito tiro, tipo filme de guerra, eu corri prum lado e o menor correu pro outro, fiquei só como rezando, quando tudo parou eu estava segurando o choro e foi aí que deparei com aquela cena, várias pessoas mortas ali... os *canas* arregaçaram a *boca*, levaram as armas, as cargas e deixaram foram 8 pessoas no chão, acertaram até uma tia que vendia cigarro, que eu tinha escotado quando tava chegando... quando fui atrás do menor, vi que ele tava com um tiro na cabeça... fiquei desesperado... os *bandidos* retornaram e falaram para levar o corpo dele, da tia e de outro maluco que tava lá de comprando também, pareciam revoltados... eu fiquei tão apavorado que sai dali, e até me perdi pra voltar... num sei nem o que fazer... o menor foi levado pelos caras...”

Segundo esse jovem os policiais, foram embora e deixaram esse cenário de morte para trás. Ele sem saber o que fazer e se sentindo culpado por ter ido naquela boca de fumo, acabou deixando seu colega para trás. Dias depois, conversei com o Menorzinho, e ele me disse que ninguém sabia do corpo desse jovem, mas que provavelmente a essa altura já devia ter sido picotado. No vale, segundo ele ninguém ia correr atrás dessa morte, pelo fato de o jovem ter “dado mole” de ir em uma outra boca de fumo, sem saber se estava tranquilo. Foi então que percebi, que não é “traquilão” partilhar esses lugares, uma vez que estar na boca de fumo, pode legitimar sua morte e no caso, conseqüente desaparecimento de seu corpo.

4. Manda quem pode obedece quem tem juízo

A situação que será narrada nesse tópico me foi apresentada após a audição da seguinte letra de *funk*:

“Patrão falou que tem que agir direito, se deixar a boca torta ele vai ter que dar um jeito. Manda quem pode, obedece quem tem juízo, que sirva de exemplo aquele prejuízo. Aconteceu não teve como evitar, tinha tudo teve do bom e do melhor. (...) se tiver erro se corrige com acerto e vai pular fogueira. (...)”²

Perguntei para o Marreco, jovem que frequentavam a esquina do Timor Leste, porque ele estava me mostrando essa música. Ele que parecia contrariado, pelo olhar fechado e a forma ríspida de falar, me disse que seu amigo tinha sido levado pela *cobrança*. Fiquei receoso de perguntar, dada a sua forma de falar, porém ele logo completou.

² Encontrei uma versão desse funk no seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Nc9toiMWePM>

“Aqui o bagulho é doido mano... menor era bom, meu amigo tá ligado... crescemos juntos, gostava como tipo de fumar o seu aqui tranquilão, mas se empolgou e entrou na boca. Foda mano... ele era sinistro, já tinha tomado um se liga do Mano (chefe do tráfico de drogas no Vale), mas não aprendeu... po o cara tava de Vapor e foi pego na caozada, dando desfalque na boca, ai o bagulho foi de verdade... aqui é assim, manda quem pode obedece quem tem juízo... lembra do fulaninho, fica daqui também, teve que pegar ele e levar pra morte mano, bagulho firme, não tem como dar desfalque na boca e passar batido.”

O Jovem a que ele se referia, fui saber depois desobedeceu a lógica de trabalho da boca, quando pegou dinheiro de sua carga, para utilizar em questões particulares. Segundo o Marreco já não era a primeira vez que ele fazia isso. O Mano já tinha avisado a ele, e ele acho que “estava passando batido”, não repôs o dinheiro da boca. Para piorar, pegou novamente o dinheiro da carga, para poder gastar a onda no baile com umas *novinhas*³ que ele estava saindo.

Com isso, pude entender que para se estar na *boca*, além da preocupação com a “tranquilidade”, relacionada a possibilidade de uma “incursão policial, era necessário, estar em dia, com as lógicas de exercício da atividade comercial ali exercida. Conectada a um regime moral que repercute no enquadramento de práticas e suas consequências, no desenrolar dessa atividade. De modo a refletir, como a proximidade com a *boca* ou atitude de “não obedecer” quem pode mandar, podem ser justificações para sua morte. No caso em questão, uma morte sem corpo.

5. “Corta perna, corna braço, o *facão* está amolado”⁴:

A questão do matar e morrer se pessoaliza e ao mesmo tempo se distancia, fazendo parte dos registros do viver dessas pessoas. Porém, a proximidade das relações e a ocupação de espaços sociais em comum, me fizeram perceber que a questão de “guerra” declarada tende a obscurecer tais continuidades na vida dos moradores do Vale. Esse processo de circulação, como disse, não se restringe as pessoas, mas aos saberes e ações que envolve essa relação do policial com o *bandido*.

Como por exemplo, as formas de se matar. Eu tive a oportunidade de conversar com um homem de 45 anos, que fazia a função de desova de corpos. Ele me contou que não era

³ Geralmente *novinha*, era a classificação dada para meninas naquele contexto, entre a faixa dos 13 e 18 anos de idade.

⁴ Letra de um *funk* que tocou em um dois *bailes* que fui em uma das *favelas* que circulei. Não encontrei seu registro na internet.

um trabalho que se orgulhava, mas que também tinha a consciência tranquila de que ele não tirava a vida de ninguém. Seu trabalho consistia em esquartejar os corpos de pessoas mortas nesses contextos por mim narrados, de formas que não deixasse rastro dos mesmos. Então havia todo um processo de como fazer, para evitar mau cheiro, e não deixar fluidos corporais enquanto desenvolvia sua técnica. Ele me contou que aprendeu esse movimento com auxílio de um médico e de um policial civil, que foram no Vale ministrar ensinamentos de quais eram as melhores formas de se picotar um corpo. Segundo o mesmo, o que foi confirmado por outros *crias*, que já haviam ouvido relatos a respeito, esse homem era capaz de retirar todos os órgãos internos de uma pessoa morta, abrindo sua barriga e puxando a coluna cervical. Ficava como um cacho de banana, me disse, expressando orgulho. Ele falou que ganhava por corpo, não me revelou quanto, mas disse que o outro rapaz que trabalhava com ele, ficou meio ruim da cabeça. Hoje não aguenta mais exercer seu trabalho.

Essas tecnologias de desaparecimento de corpos, parem circular entre as pessoas envolvidas nesses conflitos, *bandidos*, policiais e *milicianos*. Estes segundo os *ciras* eram os principais executores na cidade do rio de janeiro, portanto, maiores praticantes do sumiço dos corpos. Antes era comum desovar os corpos em rios ou enterrar na areia de praias desertas, mas com o tempo vira e mexe um corpo boiava e era encontrado. Então as técnicas foram sendo aprimoradas. Como o policial Brabo me contou, sobre uma prática de escarpelamento, em que eles introduziam um facão acima do anus do indivíduo e com isso, promoviam um corte até a cabeça, para retirar a pele. Disse-me, que se fazia muito isso, inclusive com a pessoa viva, no começo do procedimento. Ele me disse que no começo de sua carreira na polícia era bem difícil, mas que com o tempo, matar passou a ser natural, algo corriqueiro, que depois era comemorado ou contado entre os colegas “como nossos atos heroicos, sei que fazemos o bem pra sociedade”. Ele me contou que o primeiro homem que viu morrer, foi pouco mais de 2 meses após iniciar seu serviço como policial, eles entrara em um lugar chamado *favela*, que posteriormente recebeu até uma UPP, quando bateram de frente com um *bonde* de rapazes armados. O tiroteio foi inevitável e um dos rapazes caiu no chão enquanto os outros fugiam. Ao chega perto dele o comandante da operação, percebeu que o rapaz estava vivo, apesar de parte de sua massa encefálica cair vagarosamente do buraco de bala feito por um tiro que raspou sua cabeça. O sargento que estava de frente, deu uma espécie de ensinamento a eles, de que não se deve ter pena de *vagabundo*. Sendo o Brabo, o rapaz estava desorientado e falava repetidamente que queria ver sua mãe, que não queria morrer. Enquanto

isso, o sargento enfiava o dedo no buraco na cabeça dizendo para o rapaz ficar calmo, que iria leva-lo ao hospital, enquanto puxava a massa encefálica do rapaz para fora.

6. Considerações Finais

A pergunta que segue o desenvolvimento desse recorte, em forma de proposta, é como a *boca de fumo* “nunca acaba”? Pergunta feita por um interlocutor que diante do meu interesse continuou: - “Já reparou? Mudam as pessoas, mudam as *facções*, os *crias* morrem, mudam os perfis dos *Manos* e o movimento continua!”. A ideia de movimento empregada por meu interlocutor serviu como *insight*, aliás, indica que a ideia de *boca de fumo* não é algo cristalizado. Indica um fluxo de continuidades e descontinuidades em relação ao que seria esse local, a princípio visto como ponto comercial de venda de drogas ilícitas, nos lugares chamados de favelas em que circulei. Diante desse movimento, percebi que as armas e a possibilidade de morrer e matar são características que se olhadas com desconstrução, apontam para um processo de divisão do trabalho, bem como na disposição da hierarquia daqueles que mantêm esse mercado em movimento.

A proposta dialoga com questões que me apareceram a partir do meu trabalho de campo nas diferentes *bocas* que frequentei e se relaciona com a proposta indicada, bem como com a interlocução entre antropologia e direito. Primeiramente, por explicitar a relação com a gestão policial do funcionamento e prosperidade das *bocas de fumo*, bem como os mercados conexos que garantem sua manutenção como a questão do “*arrego*” (PIRES,2010), venda de armas e momentos de paz e de guerra.

Esse movimento me parece explicitar as hierarquias locais que replicam por essa lógica de “empoderamento” a partir do porte e do domínio do uso das armas de fogo, permitindo continuidades e descontinuidades na relação com policias, mudanças de interesses políticos e outras *facções*.

De acordo com meus dados, reproduz uma das consequências aplicadas nesses mercados, já que as relações de controle seja para bandidos ou policiais, me parecem imbricadas com a morte “sem corpo”, uma alternativa a aplicação da lei penal.

Então a necessidade de entender os saberes disponíveis nesses contextos, me parecem categorias que expressam esse sentimento de ampliar os saberes locais dos sujeitos a partir das moralidades e representações disponíveis. De fato, a presente proposta talvez não de conta de esgotar o tema, mas de propor a reflexão a partir de questões entradas nos campos de

pesquisa que aqui dialogam. Para isso, entendi pertinente a junção dessas três situações que vivi durante minha pesquisa a respeito das fronteiras, sociabilidades e aplicações morais percebidos e partilhados por quem partilha o mercado da *boca de fumo*. Como justificações para a morte, quando se “dá mole”, que permitem que a reverberação da morte vá para além da morte física.

Em outro contexto, ao passar o dia a dia com jovens que possuía suam vida conectadas a violência urbana na cidade do Rio de Janeiro, a categoria “pegar a visão”, me saltou aos olhos. Certa vez, jovens conversavam a respeito da oportunidade de ingressar na boca. A conversa se dava a respeito do que fariam caso fosse necessário matar alguém. Um deles, considerado “mais empolgado” afirmou que “não teria coragem de se pá picotar alguém, mas dar um *tirão no vacilão* eu ia ter!”. Os outros ficaram se entreolhando, enquanto um homem mais velho, provavelmente com mais de 40 (quarenta) anos que também se encontrava naquela esquina exclamou o seguinte: “- tá maluco moleque! Tá pensando que tirar a vida das pessoas é assim? *Pega a visão!* Cada vida que você retira é cobrada, tudo tem seu preço! Uma hora volta, quando sua mente não pira antes...”.

O emprego dessas palavras fez os jovens, que deveriam ter entre 12 e 17 anos repensarem as suas conversas de modo a concordarem com a “visão que foi passada”. O “mais empolgado”, se desculpou dizendo que “não é que eu queria matar alguém... só tava falando mesmo... tipo como, *peguei a visão* uma vida é uma vida, mas o *bagullho* é doído mesmo *menor!*”. Quando todos saíram, o homem se virou e afirmou o seguinte,

“aqueles moleques não sabem de nada, eu já fui assim, puxei cadeia, aprendi muito nessa vida, mas é essa correria deles que eles tem... a gente tenta passar “*a visão*” os exemplos tão aí, mas é muito complicado toda hora um morre ou vai preso, torço pra que não aconteça com eles...”

Com esse movimento, ao colocarmos os dados obtidos em diálogo, foi possível verificar que apesar de arvorarem-se como diferentes em seus campos empíricos, na fala dos interlocutores, muitas questões e complementariedades podem ser suscitadas pelo contraste dos dados. Nesse mote, o principal objetivo do artigo foi problematizar tal interstício via a questão da linguagem que repercutem em práticas, éticas e moralidades nos grupos sociais em observação. Ao passo que também expressa um comportamento explicativo e que deve ser seguido em contextos urbanos em que se relacionam agentes de segurança e pessoas com convívio carcerário. Como quando se recomenda “*pegar a visão*”, para o interlocutor que escuta uma mensagem, considerada de sabedoria. A morte vai para além da morte física e se

desdobra em uma tecnologia de desaparecimento de corpos em que o facão expressa aquele que desaparece, ou seja, uma morte “sem corpo” como evidência da mesma. Pretendo entender os papéis desempenhados nas *bocas* em relação aos processos de hierarquia e moralidades sobre o tráfico ilegal de drogas e a morte.

7. Referências

- BAPTISTA, Bárbara Gomes Lupetti. **A pesquisa empírica no Direito: obstáculos e contribuições**. Conflitos, Direitos e Moralidades em perspectiva comparada, v. 2, p. 127-152, 2010.
- CUNHA, Manuela Ivone. **Entre o bairro e a prisão: tráfico e trajectos**. Lisboa: Etnográfica Press, 2018.
- DA MATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como ter “Antropological blues”**. In: A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- EVANS-PRITCHARD, E. E.. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2005.
- ERVING, Goffman. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 7ª ed., 1974.
- FOOTE-WHYTE, William. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed., 2005.
- GLUCKMAN, Max. **Análise de uma situação social na Zululândia moderna**. In.: Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Rio de Janeiro: Métodos, 1987.
- KANT DE LIMA, Roberto. **A Polícia Na Cidade do Rio de Janeiro: seus dilemas e paradoxos**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2ª ed., 1995.
- KANT DE LIMA, Roberto; BAPTISTA, Bárbara Gomes Lupetti. **O desafio de realizar pesquisa empírica no direito: uma contribuição antropológica**. ENCONTRO DA ABCP, v. 7, 2010.
- MEDEIROS, FLÁVIA. **Matar o morto: uma etnografia do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro**. Niterói: EDUFF, 2016.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Rio de Janeiro: Artes & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dez, 2016.
- MOTA, Fábio Reis. **Do indivíduo blasé aos sujeitos cismados: reflexões antropológicas sobre as políticas de reconhecimento na contemporaneidade**. Revista Antropolítica: Niterói, n. 44, 1. sem., 2018.

PIRES, Lenin. ***Arreglar não é pedir arrego: uma etnografia de processos de administração institucional de conflitos no âmbito da venda ambulante em Buenos Aires e Rio de Janeiro.*** Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2010.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar.** In:_____. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.